

Professor Doutor  
*Isaac Antonio Camargo*

# PESQUISA EM ARTE I

Curso de Artes Visuais  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

# Acesse: [www.artevisualensino.com.br](http://www.artevisualensino.com.br)

www.artevisualensino.com.br



ARTE VISUAL ENSINO AULAS ▾ TEXTOS PROJETOS ▾ PUBLICAÇÕES LINKS ▾ CONTATO VERSÃO ORIGINAL



## Arte V

### Ambiente Virtu

Este Ambiente Virtu  
atividades didáticas  
disciplinas que mini  
Ao longo do tempo,  
magistério quanto n  
experiências que m  
comunidade de edu  
De 1976 a 2009 fui  
Londrina, PR, onde  
Universidade Feder  
curso de Design na

### Arte e Pesquisa

História da Arte

História da Arte I

História da Arte II

História da Arte III

História da Arte IV

Ensino da Fotografia

Oficina

O Pensamento Fotográfico

o apoio pedagógico para as  
os estudantes e apoio para as

ei experiências tanto no  
nhas aulas, são estas  
m estudantes e também com a

al na Universidade Estadual de  
sor de História da Arte na  
i professor de Fotografia no  
em Florianópolis, SC. A partir de



# ***APRESENTAÇÃO***

A disciplina ***Pesquisa em Arte I*** corresponde a primeira etapa de abordagem de investigação sobre as manifestações artísticas que ocorreram desde os primeiros momentos da humanidade até os dias de hoje.

O caráter conceitual da disciplina é o fio condutor para estes estudos.

O desenvolvimento desta disciplina é presencial e se baseia no método expositivo amparado por projeção de textos e imagens como recurso de apoio pedagógico.

O material produzido se constitui em Objetos de Aprendizagem e são publicados no Ambiente Virtual de Aprendizagem: ARTE VISUAL ENSINO.

A função deste material é a de atuar como *apoio didático/pedagógico* e, além disso, como repositório e memória da disciplina e reforçar o aprendizado, portanto, deve ser continuamente consultado.

Está disponível em

**AULAS / Arte e Pesquisa.**

Neste mesmo site, em textos e livros que subsidiam a disciplina estão disponíveis no mesmo local em **TEXTOS** está disponível o material de apoio teórico, livros e textos em formato digital.

Além deles há Links para Instituições de Arte, Museus, Galerias, Sites de Artistas e outras informações destinadas a apoiar e ampliar o conhecimento sobre Arte Visual.

As disciplinas de *Pesquisa em Arte I e II* servem de base para o desenvolvimento do *Trabalho de Conclusão de Curso*.

Ao final de dois semestres cada estudante deverá elaborar um pré-projeto de pesquisa para desenvolvimento do TCC e apresentar ao provável orientador.

A ementa e Programa de execução da disciplina estão organizados conforme segue:

# PESQUISA EM ARTE I

## EMENTA:

Referências teóricas sobre os fundamentos conceituais para uma pesquisa *em arte e sobre arte*. Reflexões sobre projetos de pesquisa em Arte.

Princípios para uma epistemologia, que tome o fenômeno artístico como objeto de estudo e produção intelectual acadêmica. A produção artística e o processo de pesquisa poética visual. Orientações gerais da estrutura lógica do texto para elaboração e redação técnica de um texto científico.

## Bibliografia básica:

ECO, Umberto. Tradução Gilson Cesar Cardoso de Souza. Como se Faz uma Tese. São Paulo: Perspectiva, 2007.  
BRITES, Blanca e Elida Tessler. O Meio como Ponto Zero: metodologia de pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.  
ZAMBONI, Silvio. A Pesquisa em Arte: um paralelo entre arte e ciência. Campinas – SP: Autores Associados, 1998.

## Bibliografia complementar:

CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.  
GUARINELLO, Maria Carla de Araújo Moreira (org). Arte em Pesquisa. Londrina – PR: Edel, 2004.  
MATTAR NETO, João Augusto. Metodologia Científica na era da Informática. São Paulo: Saraiva, 2008.



## **PROGRAMA**

1- *Introdução:*

*O que é Arte.*

2- *Questões de Pesquisa e da Pesquisa na Arte.*

3- *Pesquisa em Arte: Poéticas e Processos.*

4- *A Pesquisa Sobre Arte: Teorias e Epistemologia.*

5- *Problematizações e projetos de Pesquisa no campo da Arte Visual.*

6- *Propostas e projetos.*

A partir daqui serão abordadas questões gerais e específicas dentro da Pesquisa e do contexto da Arte cuja finalidade é esclarecer, ampliar e aprofundar o conhecimento neste campo de atuação.



A pesquisa no campo da Arte pode ser desenvolvida sob *duas vertentes*: A *Pesquisa Sobre Arte* e a *Pesquisa Em Arte*.

Embora pareçam ser a mesma coisa, são diferentes.

As diferenças estão no *enfoque* e também no *Objeto de Pesquisa*.

No primeiro caso, a *Pesquisa sobre Arte* toma como objeto as manifestações artísticas produzidas ao longo da história que podem ser abordadas pelas diferentes teorias que apoiam os estudos da Arte, inclusive a biografia dos artistas.

No segundo caso, o da *Pesquisa em Arte*, o objeto é o processo de realização artística sob a ótica de quem produz Arte: como, porque e para que produz.

Neste sentido a abordagem desta vertente investe na *Poética* eleita por cada artista para a realização de sua produção estética.

Este é o campo da própria criação, realização estético/poética na qual o artista desenvolve suas proposições e processos.

Portanto o que interessa nesta disciplina é abordar as questões que determinam o desenvolvimento destas vertentes de pesquisa para clarear seus percursos.

No contexto do Ensino de Arte é necessário abordar tais vertentes no intuito de orientar os futuros profissionais para a iniciação nos estudos da Arte e desenvolvimento de seus projetos poéticos ou teóricos.

Nestas preleções iniciais, há vários pressupostos e conceitos que devem ser tratados e esclarecidos antes de nos aprofundarmos nas questões da Pesquisa propriamente dita.

Um deles é buscar o entendimento do *que é Arte*.

É por aqui que começamos esta trajetória de Pesquisa no campo da Arte...

*Frederico de Moraes*, crítico e historiador de Arte editou, em 2002, pela Record, um livro chamado: *Arte é o que eu e você chamamos Arte: 801 definições sobre Arte e o Sistema de Arte*.

Neste livro identifica uma série de questões sobre a Arte suscitadas por diversas pessoas: estudiosos, filósofos, políticos, artistas. Tem por meta esclarecer que o conceito de Arte muda no percurso da história.

Ao fazer isto, também destitui parte da visão hegemônica que se quer da Arte dentro de uma sociedade burguesa e capitalista.

O texto reflete a diversidade contextual pela qual a Arte vem passando nas últimas décadas ou do século passado para cá.

Portanto, pensar *O que é Arte* é um estímulo para iniciar as investigações à seu respeito.

# ***1. Introdução: O que é Arte?***

Esta é uma pergunta recorrente e habitualmente colocada por quem se inicia no conhecimento da Arte.

Deve-se alertar que não há só uma resposta para isto, mas milhares.

No entanto, tais respostas sempre são dadas em função do tempo e do lugar em que são feitas, ou seja, não há uma resposta atemporal ou mesmo universal para isto, mas respostas que pertencem a cada momento.

O motivo pelo qual não existem respostas universais é exatamente porque não existe Arte universal.

Por mais que o mundo ocidental europeizado e colonizador tenha investido e tentado promover uma certa hegemonia em torno de um conceito único, isto não se efetivou.

Se há coincidências de entendimento, elas são decorrentes de um sistema de difusão cultural poderoso e impositivo que ignora os saberes e cultura locais.

Então, se considerarmos que não há uma acepção hegemônica de Arte que contemple a todos, vale tentar delimitar uma compreensão que sirva de referencial, pelo menos para as reflexões aqui realizadas. Assim raciocinando, pode-se dizer que:

***Arte é a manifestação estética da humanidade.***

O caráter tautológico desta resposta atende ao percurso didático aqui proposto.

Traduzindo, só se pode considerar Arte algo manifesto, ou seja, realizado e tornado acessível aos sentidos por meio de sua configuração física ou conceitual, formalizada esteticamente como ***Obra de Arte***.

Independente da *Modalidade Expressiva* ou das *Substâncias de Expressão* que utilize: sejam visuais/plásticas, sonoras, cênicas, audiovisuais ou literárias sua motivação é, por definição, ***estética***.

Aqui vale fazer um destaque sobre o conceito de **Obra de Arte**.

Do Latim, *Opera*, que significa ação, trabalho ou o resultado dele.

Para efeito de entendimento neste texto, **Obra de Arte** corresponde ao resultado do trabalho de criação artística realizado por um autor, em qualquer **Modalidade** artística.

**Modalidade** artística ou de *Expressão Artística* aqui se refere às categorias e aos modos por meio dos quais a *Obra de Arte* é realizada, de acordo com as substâncias de expressão que caracterizam sua **Poética**, seja **Visual**, **Sonora**, **Cênica**, **Audiovisual** ou **Literária**. Dentro de cada uma delas são identificadas subcategorias que se referem às várias **Poéticas**.



Destas subcategorias, identificadas pelas diferentes *Poéticas Expressivas* no campo Visual, por exemplo, podem ser destacadas aquelas que atuam em superfícies, chamadas de *Bidimensionais* como o Desenho, a Pintura, a Gravura, a Fotografia ou *Tridimensionais* como a Escultura, os Entalhes, A Modelagem e Montagens.

Percebe-se que, além das chamadas Bidimensionais e Tridimensionais, há também a categoria identificada de *Conceitual* e também as que operam no contexto do *Audiovisual*, que existem virtualizadas através de projeção em monitores ou no espaço. Hoje em dia , este tipo de manifestação formal incorpora outros elementos como som e movimento, constituído manifestações *Sincréticas*.

Tais manifestações integram diferentes Poéticas para constituírem suas obras, portanto, não são apenas *bi* ou *tri* dimensionais mas além disso, *interdimensionais*, *transdimensionais* e *multidimensionais* configurando o que se chama também de *Realidade Virtual*.

Nesta mesma linha pode-se falar das manifestações ambientais que, embora usem eventualmente objetos, ocupem o espaço e o deslocamento temporal, não se enquadram na categoria de tridimensionais.

Estas manifestações *especializadas*, ao contrário dos objetos, operam por meio de *contágio*, um modo de compelir, induzir alguém a participar, dialogar, fruir. Maneiras que movem os *Performers*, autores que realizam manifestações corporais, atuam em tempo real diante dos espectadores que, neste caso, são *cooperadores* do processo estético.

Estas variações expressivas fazem com que o conceito de *Obra de Arte* se estenda, interaja e expanda com maior intensidade e extensividade a partir da década de 60 do século XX, quando passaram a ser consideradas modos de expressão artística reconhecidas e justificadas pelo *Sistema de Arte* vigente.

Um *Sistema* envolve vários núcleos, partes ou elementos interligados que agem e interagem entre si. O *Sistema de Arte*, como tal, pode compreender várias instâncias, dependendo do ponto de vista do qual se observa. Em princípio ele se constituiria de apenas dois elementos: o da *Produção* e da *Apreciação*.

No entanto, como o passar do tempo, foram necessários ou criados novos estágios no *Sistema de Arte*. Se tomarmos como referência o nível da produção, vê-se que ele passou a incorporar, além do próprio criador/destinador, novas possibilidades expressivas, novos materiais, novos processos e procedimentos ampliando o espectro de recursos e pessoas possíveis.

O Apreciador, ou destinatário da produção artística, também se expandiu. Não é apenas um sujeito de corpo e alma ou mente, mas também entidades constituídas *na e pela* obra que assumem personalidades míticas, simbólicas, rituais e até mercantis como os detentores do poder, da economia, da mídia de informação e difusão, bem como das instituições que atuam em benefício ou na apropriação da Arte.

A impessoalidade substitui a pessoalidade mas não a personalidade.

Como antes afirmado as manifestações artísticas devem ser, por definição, **Estéticas**, caso contrário, não se enquadram no contexto da Arte mas em ambientes e circunstâncias *para-artísticas*, ou pior, *pseudo-artísticas* (mercantis ou comerciais).

Portanto a condição de *ser Estética* é essencial e, sem ela, a Obra de Arte é apenas aparato sensível, eventualmente simbólico, funcional e/ou ornamental cumprindo parte do desiderato de tais obras mas não seu desígnio absoluto.

## Calma que explico!

A explicação para tal entendimento tem por base a concepção e uso do termo Estética.

**Aisthésis**, do grego, traduzido por **Estésico**, referente à sensação, ao sensório e, até, sensível. Trata da percepção fenomênica e não da compreensão cognitiva ou conceitual do que seja Arte, isto só acontece no século XVIII.

As discussões em torno da Estética como categoria de valor vem desde a Grécia. Naquela época era vista, filosoficamente, como equivalente à ética e à lógica, neste sentido considerada como correspondente ao bem e ao bom e se aproxima do conceito de *Belo*, especialmente em defesa de um ideal de perfeição absoluto, por definição, metafísica, devedora das ideias de Platão.

Tal aproximação, tem por base a idealização que os gregos usavam para a realização de suas *Obras de Arte* concebidas sob a ótica de *Belo Metafísico* não natural, mas ideal, idealizado, independente de se aproximar do mundo visível. Esta visão acabou se expandindo além dos tempos gregos induzindo à crença de que o *Belo* correspondia ao bonito, ao agradável, ao harmonioso, aspectos formais também valorizados pela Arte Grega.

Obviamente, a influência da filosofia grega é marcante no campo da Arte e, conseqüentemente, muito daquilo que sabemos, entendemos, assimilamos e apropriamos, vem desta base cultural.

Não se pode negar a contribuição grega ao pensamento ocidental, no entanto, muitas vezes esta contribuição ou sua interpretação parcial mais confunde do que ajuda.

Para os gregos a *Estética* não existia, mas fazia parte das reflexões gerais orientadas dentro da *Filosofia*, a questão da Arte era subjacente e não uma preocupação prioritária. Embora em alguns momentos os filósofos se referissem a Arte, não o faziam no intuito de explicá-la ou orientar sua produção, mas para enquadrá-la ou não dentro de um sistema filosófico maior.



Quem traz, de fato, a questão da *Estética* para o campo da Arte no pensamento moderno é o filósofo alemão *Alexander Gottlieb Baumgarten*, ao editar, em 1735, *Meditações Filosóficas Sobre as Questões da Obra Poética* e ao deixar seus escritos de 1750-58, sobre *Estética*. Para ele a Estética atua como uma espécie de transição entre o sensório e perceptivo do mundo e o sensível e cognitivo para a Obra de Arte.

A partir do pensamento *Baumgarteano*, os pensadores da Arte passam a usar este termo e ampliar o seu conceito no intuito de atender às demandas deste campo de conhecimento, assim a *Estética* passa, além de ser aceita como *Ciência da Arte*, como *Disciplina* para seu estudo.

Seguindo esta linha de raciocínio a *Estética* se revela como pressuposto e condicionante das manifestações artísticas sem a qual as *Obras de Arte* não se consolidam como tais.

Portanto, uma *Obra de Arte é uma manifestação portadora de sentido estético* não qualquer manifestação portadora de qualquer sentido.

Por exemplo: uma peça publicitária pode conter uma imagem agradável, bonita, formal e plasticamente bem realizada mas, ainda assim, lhe falta a condição anterior e formativa que é a de traduzir o *Estésico* enquanto apreensão, relação, reflexão, experiência e experimentação do mundo para o *Estético*.

O choro de uma criança, embora seja uma manifestação sensível e acessível, não tem qualquer propósito estético. No entanto, a interpretação do choro de uma criança no contexto de uma peça teatral, tem as condicionantes estéticas necessárias para configurá-lo como parte de uma *Obra Arte* cênica, portanto, *Estética*.

A *Estética* é a base das operações *Poéticas*. Por meio dela é que os criadores olham para o mundo, para o contexto e distinguem o que pode, deve ou interessa transmutar em *Obras de Arte*. As escolhas feitas pela Arte, ao longo do tempo, não foram somente escolhas formais, mas também intelectuais, sociais e humanas, portanto a Arte é um campo de diálogo e reflexão sobre quem somos.

**Poética** vem do Grego, **Poiein**, que se refere ao fazer, realizar, construir. A *Poética Aristotélica* falava do processo de constituição do texto verbal, entretanto, no Renascimento, se recorre ao uso indiscriminado do termo Poética para falar das manifestações artísticas em geral, isto contribuiu para difusão e generalização do uso indiscriminado do termo.

Para este trabalho o entendimento de **Poética** está reduzido à compreensão de que os fazeres da *Arte Visual* são decorrentes de procedimentos de caráter estético-cognitivos e pragmáticos cujo resultado são *Obras de Arte*, sejam elas materializadas em objetos, no espaço, virtualizadas ou proposições conceituais.

## ***1.2- Poéticas Visuais***

Olhando para o percurso da *Arte Visual*, vamos entender que os procedimentos poéticos foram se transformando no decorrer do tempo.

De certo modo a produção artística esteve muito tempo relacionada à artesanaria e não havia distinção entre uma e outra. No Renascimento isto começa a mudar com a fundação das *Academias de Arte*.

A partir daí, os artistas passam a se distinguir dos artesãos assumindo uma posição social mais respeitada no contexto intelectual. Daí em diante os artistas são reconhecidos pela sua personalidade estética, especialmente os grandes nomes do Renascimento referenciados como gênios da Arte.

Mais tarde, a tradição acadêmica se desenvolve com a Arte Francesa.

Na França, a influência dos artistas e das academias Italianas proporciona o surgimento das *École de Beaux-Arts* que subvencionam o Neoclássico e a expansão deste modelo de ensino para vários países do mundo, inclusive o Brasil.

A ruptura com as *Belas Artes* promovida pela Modernidade no século XIX, trouxe o que se passou a chamar de *Artes Plásticas*.

Os fazeres técnicos da *Arte Visual*, antes vinculados ao artesanal, depois organizados racionalmente pelas academias por meio das habilidades performáticas dos artistas e ordenado pela geometria é minimizado pelo advento do *Modernismo*, que instaura seus fazeres a partir de processos vinculados à inventividade, à criatividade e à experimentação.



A libertação das formas promovida pelo *Modernismo* dispensa, de um lado, a necessidade da reprodução do mundo visível e também a necessidade da manutenção precisa das técnicas construtivas tradicionais. A *experimentação* passa a ser um valor importante e os artistas a usam com intensidade quer em relação às técnicas quanto aos materiais.

Assim surge o que se chamou de *Artes Plásticas*, ou seja, manifestações nas quais a manipulação dos materiais era um fator de alto grau de significância.

O virtuosismo técnico exigido pela Academia é substituído pela experimentação criativa dos procedimentos técnicos, materiais e conceituais.

*Plástica* do grego *Plastikós* se refere às transformações impostas à argila na modelagem das formas. Este é o sentido que ampara a *Arte Plástica*, aquela que advém da manipulação, transformação dos materiais. Tais ações criativas são empreendidas diretamente sobre as matérias pelos artistas. As *Obras de Arte* são também os objetos e suportes nos quais residem sua *esteticidade*.

*As Artes Plásticas consagram a materialidade e a objetualidade em contraponto à representação imagética clássica.*

Embora a expressividade resida, em grande parte, na materialidade *Moderna*, a visualidade decorrente destes fazeres também importam e significam na medida em que tais imagens desafiam a mimese de observação da tradição clássica.

Tal mimese é gradualmente recuperada pela construção de imagens realizadas por meio de aparelhos. A *Fotografia*, embora nascida no século XIX, atinge sua autonomia estética e técnica no século XX. A *Fotografia* e depois o *Cinema*, recuperam, parte da visualidade perdida pela Modernidade. Sob esta nova ótica surge o que se chama de *Arte Visual*.

A *Figuratividade*, perdida pela corporeidade dos objetos na Modernidade, retorna por meio dos aparelhos e das mídias de constituição e distribuição de imagens.

As chamadas *Artes Visuais* incorporam as *Artes Plásticas* e expandem seu conceito ao ponto de, hoje em dia, cobrirem *intervenções, instalações e performances*.

Neste sentido as *Poéticas Visuais* constituem um campo extenso no qual as manifestações priorizam a *Visualidade* a *Virtualidade* operando em detrimento da materialidade.

A *Cultura Visual* passa a ser uma tendência reforçada em fins do século XX e uma característica do mundo contemporâneo midiático e digital.

Contemporaneamente o Desenho, a Pintura, Escultura, Gravura, Fotografia, Cinema, Vídeo, Instalações, Intervenções, Performances e Audiovisuais, digitais ou não, convivem num mesmo ambiente estético e conceitual.

Tanto os fazeres manuais quanto conceituais fazem parte das manifestações de hoje em dia.

## ***2. Questões de Pesquisa e da Pesquisa na Arte***

Curiosidade gera pesquisa, investigação, busca, descoberta, conhecimento, tudo isto se refere à necessidade humana, instaurada desde seus primeiros tempos de existência que, pela curiosidade inata para compreender os fenômenos com os quais convive e observa também associa seus comportamentos, em busca de meios para compreender tais manifestações.

Esta curiosidade, originariamente natural, é transformada em *Método*, que passamos a chamar de *Pesquisa*.

Por princípio, *Toda Pesquisa é Científica!*

*Scientia* do latim se refere a *Conhecimento*, logo, à *Ciência*.

Portanto, toda busca ou construção de conhecimento é uma atitude de *caráter científico*.

Pode-se entender que chamar de *Científica* a uma pesquisa é distingui-la de levantamentos, abordagens e investigações superficiais ou escolares, cujos métodos ou procedimentos carecem de sistematização.

Assim, convencionou-se chamar de *Pesquisa* às *investigações sistemáticas* destinadas à *construção do conhecimento* nas diferentes áreas: humanas, físicas, biológicas, tecnológicas entre outras possíveis, cujos domínios sejam necessários para a consolidação do saber ou para o desenvolvimento do ser humano na sua integralidade.

Na medida em que a civilização se desenvolveu também se especializou. As práticas, hábitos e costumes do senso comum também se transformaram e assumiram diferentes posturas na sociedade, alguns se tornaram eruditos e dependentes do aprofundamento e expansão de métodos e processos, outros permaneceram no senso comum.

A *Ciência*, portanto, *não é senso comum*, é *conhecimento sistematizado*, então, *todo conhecimento especializado, ordenado por meio de sistemas epistemológicos, teóricos e terminológicos se constitui em Ciência*.

Assim é a Ciência e nela a Arte está incluída na medida em que as metodologias aplicadas aos seus estudos respeitam tais procedimentos em número e grau.



Com o passar do tempo habituou-se a separar a *Pesquisa* em áreas diferenciadas de acordo com sua natureza e objetivos. A *Pesquisa Básica, Pura ou Fundamental* se dedica à busca do conhecimento em si, independente de seu uso prático. Em geral é chamada de *Pesquisa Teórica* embora também recorra a abordagens experimentais.

A outra área é chamada de *Pesquisa Aplicada*, embora possa surgir da *Pesquisa Básica*, se dedica ao desenvolvimento de processos e procedimentos cujos fins se destinam à obtenção de *resultados pragmáticos* como *produtos, processos e sistemas* que proporcionem benefícios sociais e também ou principalmente econômicos.

O potencial de retorno econômico da *Pesquisa Aplicada* acaba estimulando mais investimentos financeiros, especialmente no mundo liberal/capitalista, pelo retorno que tais investimentos podem promover. Por isso, na maioria das vezes, é este tipo de pesquisa que tem mais investimento por parte dos setores públicos e privados.

Outra questão é o hábito de chamar às pesquisas de *Quantitativas* ou de *Qualitativas* que se refere a um tipo de entendimento que aprofunda a diferença entre as que lidam com dados verificáveis matemática ou estatisticamente e as que operam por meio de conceitos e proposições dependentes exclusivamente das *habilidades do pesquisador*.

Cabe reforçar que *Pesquisa* é o nome que se atribui aos procedimentos e processos de busca, produção e aprofundamento do conhecimento adquirido ou construído pela humanidade ao longo do tempo, independente da área na qual tal conhecimento é obtido.

Portanto, distinguir conhecimentos considerando alguns úteis e outros inúteis, é uma discriminação de caráter funcional em prol do regime econômico dominante que, por meio de várias estratégias formais e discursivas, reprime o desenvolvimento da *Ciência* de interesse humano para torná-la apenas um bem econômico.

As pesquisas no campo da Arte atendem e respondem às mesmas necessidades dos demais campos de conhecimento humanos. Sua localização, em geral, é o das *Humanidades*, onde também se encontram a *História, a Filosofia, Estética, Antropologia, Sociologia*, entre outras abordagens científicas, recorrendo aos procedimentos chamados de *Qualitativos*.

Neste sentido as pesquisas neste campo são, em sua maioria, de natureza *Básica* e, portanto, em nada diferem das demais abordagens científicas, comumente adotadas pelo campo das *Ciências Humanas*, tampouco das teorias que a amparam e consolidam. Atualmente este tipo de abordagem tem sido chamada nesta área de *Pesquisa sobre Arte*.

A *Pesquisa sobre Arte* estabelece uma diferença conceitual e essencial com outro procedimento comum no contexto da Arte que é chamado de *Pesquisa em Arte* e se refere aos *procedimentos poéticos* constitutivos das *Obras de Arte*, cuja responsabilidade é atribuída, em princípio, aos seus produtores e não aos estudiosos da Arte em geral.

Neste sentido, pode-se dizer que os procedimentos da *Pesquisa em Arte* se aproximam da *Pesquisa Aplicada* na medida em que buscam transformar o pensamento artístico em *Manifestações Expressivas* por meio de procedimentos pragmáticos que geram resultados perceptíveis e observáveis, tanto quanto os demais campos da ciência.

Talvez a resistência para aceitar também as *Pesquisas em Arte* no campo da *Ciência Aplicada* ocorra por conta de que as *Manifestações Artísticas* como tais *não* se dedicam à produção de bens de consumo e serviços que possam ser explorados nos moldes recorrentes da economia capitalista. Este é um dos estigmas impostos, principalmente, às *Ciências Humanas* neste contexto.

A *Ciência Básica* ou *Aplicada* só interessa a este contexto econômico na medida em o desenvolvimento de tais conhecimentos possam servir de subsídio ao lucro. Neste aspecto tanto faz se as pesquisas são desenvolvidas na Física, na Química, na História, na Biologia ou na Arte, se não geram bens, pouco importa.

## ***2.1- Fontes, Registro e Documentação.***

Toda pesquisa se dedica a um *Objeto de Estudo*, ou seja, a um *Corpus* constituído por tal *Objeto*, como um *Objetivo*, *Eixo* que é o *Foco* central da investigação.

Este *Objeto* pode ser também o *Problema* ou a *Questão* principal da pesquisa.

Independente do tipo de estudo seja teórico ou prático, é necessário conhecer a *Teoria* que o envolve e o orienta.

De todo modo chamamos de *Fontes* a todos os *Documentos* envolvidos pela investigação.

*Fontes* podem ser *Textos*, *Objetos*, *Monumentos*, *Obras de Arte* como também *relatos*, *depoimentos*, *entrevistas*, *observação direta de condutas e comportamentos*. Estas *Fontes* podem ser *Primárias* ou *Diretas* como também *Secundárias* ou *Indiretas*.



*Registros* são os meios que assumem as fontes quando processadas pela palavra ou imagem tornando-se então *Documentos*.

Assim é possível desenvolver investigações sobre diferentes manifestações humanas ou naturais. Ao observar a *Natureza*, por exemplo, pode-se descrevê-la textualmente ou por meio de imagem, portanto, cria-se um *Registro e/ou Documento*.

Durante muito tempo a *Historiografia* não admitia documentos que não fossem escritos, o conceito de *Pré-História* e *História* é justamente a distinção entre o período em que não havia escrita e o seu surgimento.

Entretanto, as imagens criadas pelo ser humano, como também seus artefatos passaram a ser tidos como documentos e possibilitaram o surgimento de outro campo científico, a *Arqueologia*.

Atualmente tanto os textos quanto as imagens produzidas por meio da mão humana ou das tecnologias disponíveis como a fotografia ou vídeo, analógicos e digitais são *Registros* e *Documentos* passíveis de serem estudados e investigados pelos diferentes campos da *Ciência*.

### ***3. PESQUISA EM ARTE: Poéticas e Processos.***

A *Pesquisa em Arte* se apoia nos vários e diferentes procedimentos de caráter conceitual e pragmáticos que orientam condutas e proposições na realização da produção artística se dedicando ao desenvolvimento de suas Poéticas que geram suas manifestações.

A principal característica da *Pesquisa em Arte* é a *Práxis Expressiva*.

O investimento nos processos constitutivos de Obras de Arte, em qualquer de suas modalidades expressivas, seja visual, sonora, cênica, audiovisual ou literária, implica no domínio de habilidades cognitivas e psicomotoras. Mente e corpo são exigidos em diferentes níveis na produção artística.

A partir destas colocações pode-se reforçar a existência das duas vertentes de pesquisa já apontadas e definidas no contexto da Arte: a que se refere à busca do conhecimento por meio da abordagem das manifestações artísticas realizadas pelo ser humano desde a pré-história e outra que se refere aos meios, às estratégias e procedimentos dos produtores destas manifestações.

A vertente da *Pesquisa sobre Arte* é de responsabilidade dos estudiosos, cujas pesquisas recorrem às teorias e metodologias que buscam compreender e expandir o conhecimento da Arte através da produção manifesta na sociedade desde seus primeiros tempos.

A outra vertente, da **Pesquisa em Arte**, é de responsabilidade dos seus produtores, ou seja, dos indivíduos que chamamos ou chamávamos de **Artista**. Hoje em dia o termo e mesmo o conceito de *Artista*, como o entendíamos originariamente, não cobre mais o que os produtores de Arte fazem, dada a complexidade da *Arte Atual*. Portanto o termo não atende com clareza ao fazer de quem faz Arte.

Se tomarmos o percurso cronológico da *Arte Visual* para tentar clarear o conceito de *Artista*, vamos perceber que, na maioria das vezes, nem sempre este foi o termo mais adequado para nos referir ao agente responsável pela geração das manifestações chamadas de artísticas. É necessário falar um pouco sobre este personagem.

# ***O Artista ou Produtor de Arte***

As Manifestações Artísticas, como se sabe, só produzem sentido se realizadas, constituídas por meio de substâncias expressivas dentro de suas modalidades próprias, em suas poéticas. No entanto, nem sempre, esta foi a compreensão aceita ou compartilhada. Inicialmente o artista era o artesão que dominava as habilidades motoras para a realização de objetos conceituais, simbólicos ou ornamentais.

A função intelectual do produtor de arte só vem a se tornar reconhecida a partir do Renascimento.

Até o século XIX as atividades do artista eram configuradas em grande parte dependentes de suas habilidades motoras.

A Modernidade liberta a motricidade da produção artística e instaura as proposições, intervenções e performances tratadas como Conceituais.



Considerando tais transformações, hoje em dia, os artistas são conceituados de modos diferentes do que eram nos séculos anteriores, logo, compreender a Arte atual implica também em compreender os modos por meio dos quais ela é realizada e, como consequência, as *Estratégias Discursivas* adotadas por eles.

A mudança de status ou estado do artista, também implica em mudanças dos estatutos da Arte, seus sistemas, meios de realização e manifestação.

Logo, falar sobre o Artista não é simples, dada a diversidade e complexidade dos fazeres da Arte. Se para o contexto da tradição artística bastava reconhecer as habilidades de reproduzir/criar imagens que dialogassem com o mundo natural e com as tematizações requeridas pela sociedade de seu tempo, atualmente isto não basta.

Embora ainda tenha valor o domínio de habilidades para a manipulação de instrumentos e materiais utilizados na criação de Obras de Arte, especialmente na realização de objetos, isto não é uma prioridade da produção artística contemporânea. A expansão dos procedimentos criativos do fazer manual para o corpo, para o ambiente, o espaço, as performances e atuações destituíram quase que por completo a objetualidade.

A “artisticidade” não reside apenas nos objetos como antes, mas também nas proposições, atitudes e performances realizatórias. As manifestações de Arte atuais nem sempre tem corpos físicos e materialidade, podem ser apenas um momento, uma atitude, uma ação que esvanece no tempo e no espaço.

Arte é mais essência e cognição e menos objetos e manufatura.

Logo, saber o que é ou não um “artista” é antes identificar os procedimentos dos quais se utiliza para performar, fazer, realizar, empreender, promover, produzir “Obras de Arte” que, por sua vez não são só coisas, mas estados, circunstâncias e situações, então é necessário identificar critérios para classificação e não apenas a nomeação.

Os critérios utilizados para isto mudam de acordo com a compreensão ou interesse de quem os usa.

Para os estudiosos basta se o criador se dedica às manifestações estéticas que dialogam com a contemporaneidade mas, para o crítico, nem sempre uma atitude mais aberta atende aos seus critérios de julgamento. O mesmo pode ser dito dos marchands, dos galeristas e especuladores.

As instituições, por sua vez, dependem de recortes de ordem técnica, políticas ou conceituais com as quais convivem ou pactuam para admitirem a presença de um ou outro produtor, de uma ou outra obra.

Enfim, este universo nebuloso que se considera o da Arte atual depende, e muito, da educação e do ensino tanto dos produtores quanto dos fruidores.

Genericamente é chamado de Artista alguém que produz algo que corresponde ao que a sociedade considera Arte. Entretanto, nem sempre a sociedade entendeu a Arte da mesma maneira. Na pré-história pode-se dizer que o sujeito que produzia o que chamamos, posteriormente de Arte, possuía habilidades cognitivas e psicomotoras para realizar imagens.

Entretanto, tais imagens, antes de serem produzidas para viabilizarem valores estéticos e conceituais, eram destinadas a rituais de caráter propiciatório e simbólico, logo, não eram o tipo de Arte que se considera hoje em dia, tampouco o sujeito que a produzia poderia ser chamado, então, de Artista, seria no máximo um Xamã ou feiticeiro...

Na antiguidade o pouco de simbolismo que restou da Arte pré-histórica foi absorvido pela propaganda ideológica e política que servia à manutenção do poder dominante, fosse dos Faraós e seus sacerdotes, do domínio grego ou do império romano para a criar ou auxiliar a manutenção do poder adquirido. Assim a Arte participa dos Palácios, Templos e Túmulos enaltecendo seus governantes.

Ainda na sociedade medieval o regime feudal e o domínio religioso também mantiveram a Arte atrelada aos seus interesses e sem liberdade para expressar os anseios ou interesses dos grupos minoritários. Durante todo este tempo os Artistas eram artesãos especializados na prestação de serviços dedicados à produção de imagens destinadas à ornamentação e relatos sobre os detentores do poder.

Embora cumprindo funções ideológicas e decorativas, as manifestações decorrentes da Arte revelam também a práxis de seus produtores por meio de suas habilidades técnicas ou plásticas, esta é a **constante** que tem se revelado desde estes períodos. O problema é que estas habilidades eram construídas individualmente ou definidas pelas Guildas e corporações de ofício.

A formação destes produtores era realizada de modo informal e conduzida pelos proprietários das oficinas dos diferentes ofícios em troca da acolhida e de alimentos para os Aprendizes. Mestres, Oficiais e Aprendizes eram as funções típicas destes ambientes destinados a produzir as imagens que ocupavam os espaços públicos ou privados.

A grande mudança deste perfil subserviente vai ocorrer no Alto Renascimento com a criação das Academias de Arte. A partir daí este ensino passa a ser sistematizado e valorizar, além das habilidades técnicas, o conhecimento sobre filosofia, história e geometria. A partir daí surge o conceito de Artista como passamos a entender e a debater.

O ensino Acadêmico não dispensa as habilidades manuais e artesanais ao contrário, ele as aprofunda e especializa ao ponto de torná-las uma referência no campo da Arte e constituir as Escolas estilísticas clássicas como a do próprio Renascimento as do Maneirismo, Barroco e do Neoclassicismo francês constituída pelas Belas Artes da qual também herdamos o estilo.



Voltando à questão do Artista, a versão novecentista é a que ainda perdura, apesar da passagem do tempo e das transformações estéticas que a Modernidade e Pós-modernidade trouxeram para a Arte atual.

Tomando por referência o recorte da tradição, entende-se o Artista como alguém capaz de transformar algo em sentido, em expressão, em Arte.

A versão tradicional investe na habilidade técnica e na performance estética como prioridade para o fazer da Arte. A significação de tudo o que o artista faz está confinada e contida mais nos objetos de Arte que realiza e menos nos conceitos que os orientam. Dai a validação maior de seu trabalho por meio das habilidades que demonstra.

Entretanto os domínios necessários a um artista compreendem, principalmente, as habilidades de caráter cognitivo mas também psicomotoras, tanto quanto são exigidas em outras profissões e fazeres que não os da Arte.

Desde as Vanguardas Históricas as questões da motricidade nas habilidades artísticas deixaram de ser prioritárias.

A Arte de cognição, chamada de Arte Conceitual, que passa a orientar boa parte das manifestações contemporâneas, não exige tanto as habilidades do fazer manual mas intelectual, neste sentido o artista atual é mais um gestor de ideias, projetos e potencialidades tornando-os viáveis por meio da visualidade, instalação, interatividade, promovendo a participação coletiva.

Pertencer hoje à categoria de Artista requer o envolvimento integral em todas as instâncias dos processos constitutivos que recorrem tanto aos meios tradicionais quanto atuais para a produção/realização de Obras de Arte. Os Artistas atuais, diferentes dos *mixed media* modernos são hoje os multimídia contemporâneos.

Pode-se dizer que, ao invés de Artistas, a melhor referência para identificar tais profissionais seria na *produção estética*, atividade por meio da qual esta produção geraria Obras de Arte por meio do exercício de seu labor, lançando mão de diferentes saberes e fazeres, para dar existência a elas. Na falta de melhor expressão, pode-se continuar a referir a estas pessoas como Artistas.



## ***4. A Pesquisa Sobre Arte: Teoria e Epistemologia.***

As *Teorias da Arte* são as abordagens conduzidas pelos estudiosos que, ao longo do tempo, se dedicaram à sua abordagem para conhecê-la, entendê-la, produzi-la, explicá-la, desenvolve-la ou difundi-la.

Em síntese, é possível recortar um conjunto de abordagens que servem de amparo ao seu conhecimento.

*THEORIA*, do grego, se refere ao conjunto organizado de dados ou princípios que servem à explicação de diferentes fenômenos.

Tais fenômenos podem ocorrer na natureza ou na cultura e analisados na ciência ou na arte.

As teorias podem assumir diferentes abordagens, características, perfis, recortes ou ideologias.

Uma teoria apresenta um modo de pensar e de falar a respeito de um assunto, matéria de observação, pesquisa ou conhecimento.

As teorias revelam pontos de vista, lugares de observação, conjunto de informações, vocabulários, recortes e especificidades que dão caráter ao conhecimento e revelam a identidade, própria de um campo específico do saber.

No campo da Arte pode-se dizer que há algumas abordagens recorrentes que podem ser destacadas para contextualizar esta questão.

Estas abordagens amparam os estudos da Arte em seus diferentes enfoques quer sejam Históricos, Estéticos, Analíticos ou Críticos.

Portanto, em qualquer abordagem há sempre, explícita ou implicitamente, um referencial teórico de suporte.

Epistemologicamente as teorias tem por fim apontar a natureza e razões para o desenvolvimento de um determinado campo de conhecimento.

*Episteme*, do grego, se refere às bases teóricas do conhecimento. Estuda a origem, a estrutura, os métodos e a validade do conhecimento, relaciona-se com a metafísica, a lógica e a filosofia da ciência.

No campo da Ciência a Epistemologia apoia o conhecimento erudito em detrimento das crenças, do senso comum e das opiniões subjetivas.

Neste sentido, as teorias aqui apontadas, mediante diferentes abordagens, recortes ou aproximações, se configuram como possibilidades. A escolha do pesquisador é feita por afinidade ou racionalidade.



Alguns autores se dedicaram a identificar as abordagens mais comuns no campo de estudo da arte.

Para *Jean-Luc Chalumeau*, há cinco grandes famílias de teorias da arte:

1. Fenomenológica
2. Psicológica
3. Sociológica
4. Formalista
5. Estruturalista ou Semiótica.

*Giulio Carlo Argan* e *Maurizio Fagiolo* admitem uma abordagem iconológica e não tratam da fenomenológica e da psicológica apontadas por *Chalumeau*.

*Arnold Hauser* admite uma categoria filosófica e outra folclórica ou popular. Estes autores, por sua vez, se apoiam em outros e assim sucessivamente. Logo as teorias estão sempre em expansão.

Assim as teorias se expandem e se modificam, as abordagens podem se especializar ou se complementar. Nesta linha de raciocínio, pode-se incluir também duas outras mais recentes: A Cognitivista defendida por *Michael J. Parsons* e outra Educacional defendida por *Fernando Hernández*.

Somando, até aqui, destacam-se dez abordagens diferentes sem contar alguns autores nacionais.

Para facilitar o entendimento destas abordagens, pode-se descrever alguns de seus aspectos e características e citar alguns autores que seguem tais orientações.

## *Abordagem Fenomenológica*

*Emanuel Kant e Friedrich Hegel* podem ser considerados os fundadores da abordagem Fenomenológica.

No século XX, *Maurice Merleau-Ponty* e *Jean-Paul Sartre*, atuam nesta mesma linha e propõem o desenvolvimento deste raciocínio.

Considerando que a percepção é a base para a apreensão dos e entendimento dos diferentes fenômenos, inclusive o da Arte.

A apreensão das Obras de Arte seria decorrente de um estado de consciência semi-perceptiva e idealizadora.

## *Abordagem Psicológica ou Psicanalítica.*

*Ernest Gombrich e depois René Huighe, Émile Mâle, Élie Faure, André Malraux, entre outros, defendem que os fatores psico-sociais são determinantes das manifestações artísticas e, conseqüentemente, um meio para explicá-las por meio dos sentimentos e da índole dos artistas.*

Usa de aproximações com os autores por meio de contatos e entrevistas e de biografias.

A arte é uma criação que expressa os sentimentos íntimos do artista e depende de sua genialidade.

## *Abordagem Sociológica.*

*Frederick Antal* foi o primeiro a buscar apoio da sociologia no estudo da Arte.

Mais tarde *Arnold Hauser*, *Michel Foucault*, *George Luckás*, *Pierre Francastel*, entre outros.

Entendem que o artista se situa entre o seu fazer e as condicionantes sociais que determinam sua obra.

O artista é a expressão do grupo ou da sociedade à qual ele pertence. Os valores e os modos de pensar da sociedade na qual o artista vive são determinantes da sua obra.

## *Abordagem Formalista.*

Também chamada de *Pura Visualidade*, seus teóricos são *Conrad Fiedler, Heinrich Wofflin, Worringer, Alois Riegl, Henry Focillon.*

Segundo esta vertente as análises devem ser realizadas por meio da configuração formal da Obra de Arte considerando as relações estabelecidas entre as diferenças decorrentes do uso dos elementos plásticos que as constituem.

Relações como: horizontal X vertical, aberto X fechado, Linear X Pictórico, Superfície X Profundidade, Fechado X Aberto, Multiplicidade X Unidade, entre outras possibilidades são tomadas como referenciais de análise para busca da significação.

## *Abordagem Iconológica ou Iconográfica.*

*Aby Warburg*, funda o Instituto Warburg, do qual participam também: *Ernest Cassirer*, *Henri Frankfort*, *Arnaldo Momigliano*, *Ernest Gombrich*, *Erwin Panofsky*, *Edgar Wing*, *Freances Yats*, *Anthony Gratton*, *Michael Baxandall* e *Hubert Damish*.

As Obras de Arte são analisadas a partir de sua configuração visual, da imagem, seu estilo e componentes simbólicos.

Desenvolvem estudos sobre a Iconografia e Iconologia.

## *Abordagem Estruturalista ou Semiótica.*

Giulio Carlo Argan indica que o Estruturalismo tem por base os estudos desenvolvidos no campo da linguística, depois da semiologia e atualmente Semiótica.

Os estudos parte da Significação decorrente da análise da estrutura discursiva da Obra de Arte, ou seja, como uma Obra faz para dizer o que diz e como diz.

Analisa-se como os Significantes geram Significados.

Autores como *Ferdinand de Saussure, Algirdas Julien Greimas, Roland Barthes, Umberto Eco, Charles Sanders Peirce*, entre outros, se dedicaram a descobrir como se constrói a sigficação.



## **Abordagem Filosófica**

As abordagens filosóficas se desenvolveram desde os gregos, incluindo *Platão*, *Aristóteles*, *Plotino* e outros filósofos que tomaram a Arte como tema para suas reflexões, fazendo com que surgisse dentro deste campo teórico, a Estética, consolidada mais tarde por Alexander Gottlieb Baumgarten.

Neste percurso, desde os gregos como os *Epicuristas* e *Estóicos*, *S. Tomás de Aquino* na Idade Média, vamos encontrar muitos estudiosos.

*Leon Batista Alberti*, no Renascimento, lança as bases para a Estética Clássica, desenvolvida mais tarde pelos franceses como *Le Brun*, *Ronsard*, *Scaliger*, *Chapelain*, *Laudun d'Aigaliers*, *Roger de Piles* e depois os alemães como *Emmanuel Kant*, *Leibniz*, *Wolf*, *Baumgarten*, *Lessing*, *Schiller*, *Hegel* e mais tarde *Luckas*, *Benjamin*, *Marcuse*, *Adorno*, *Habermas*, *Goodman*, *Danto*, entre muitos outros.

## *Abordagem Popular ou Folclórica*

Hauser estabelece estas distinções considerando as manifestações artísticas não eruditas, ou seja, aquelas que prescindem das teorias para existir.

Fala em arte folclórica na medida em que se refere aos fazeres estéticos dos povos não letrados. Fala também de arte popular referindo-se aos fazeres das camadas menos eruditas da população de gosto mais simples.

Podem ser tomadas também como Étnicas ou Antropológicas.

Nesta vertente encontramos também *Alois Riegl, Paul Frankl, Franger, Horkeheimer, Adorno, Webster* e o próprio *Hauser*.

## *Abordagem Cognitivista*

O contexto cognitivista se ocupa das Neurociências ou Ciências da Mente. O desenvolvimento desta teoria é de base cognitiva, ordenada pelo cérebro.

Neste momento o cérebro não é pensado através de suas relações lógico-rationais, mas por meio de suas ações químico/neuronais, pelas sinapses que realiza para funcionar, aprender.

A base desta teoria se encontra na psicologia, relaciona-se com a neurologia e percepção. Seus autores mais conhecidos são *Howard Gardner, Michael J. Parsons Anderson, Chomsky, Fodor, Marr, Newell e Simon, Pinker, Rumelhardt e McClelland, Changeux, Geschwind.*

## *Abordagem Educacional*

Embora nenhum dos autores aqui citados tenha indicado uma vertente de caráter educacional, optamos por selecionar alguns estudiosos que se dedicaram ou se dedicam a este tipo de aproximação, já que, no campo de nossos estudos, inclui-se o do Ensino de Arte. O autor mais conhecido deles é *Herbert Read*.

Read acreditava possível ensinar por meio da Arte. Outros como *Arnheim, Huizinga, Langer, Loewenfeld, Piaget, Morris, Mc Millan John Dewey, Eliot Eisner, Imanol Agirre, Fernando Hernandez, Michael Paersons, David Perkins* sem contar os autores nacionais que debatem as questões de ensino há décadas como *Augusto Rodrigues, Noêmia Varella, Ana Mae Barbosa*.

Considerando o percurso em torno das teorias aqui recortadas, pode-se dizer que os estudos sobre as manifestações artísticas acolhem diferentes possibilidades de pesquisa. O problema que ainda persiste no campo da Pesquisa no contexto da Arte é, em grande parte, decorrente do baixo investimento em formação educacional, especialmente para a Arte.

Por conta disso, as pesquisas só encontram uma certa ressonância no contexto acadêmico mas muito pouco no ambiente da sociedade como um todo.

Constata-se, portanto, que a falta de projetos educacionais consistentes impedem tanto o desenvolvimento da produção quanto da informação artística.

Assim entendendo, uma disciplina que se proponha a trazer conteúdos, conhecimentos sobre a Pesquisa no Campo da Arte deve, no mínimo, preocupar-se com dois aspectos relevantes:

1. Promover a investigação consistente e sistemática sobre Arte e
2. Difundir tais investigações nos meios e mídias disponíveis.